

**TRABALHO, SAÚDE MENTAL E UNIVERSIDADE: UM OLHAR SOBRE OS
DOCENTES DA UNEB-CAMPUS XXI**

**WORK, MENTAL HEALTH AND UNIVERSITY: A LOOK AT THE UNEB-CAMPUS
XXI PROFESSORS**

Andressa de Sousa Santos Ferreira  

Mestre em Economia Regional e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA), Brasil. Docente do Curso de Graduação de Administração - Universidade do Estado da Bahia (UNEB-BA), Ipiaú, Bahia - Brasil.

E-mail: andressa.ferreiras@hotmail.com

Beatriz dos Santos Alves  

Graduada em, Universidade do Estado da Bahia (UNEB-BA), Brasil. Bacharelado em Administração - Universidade do Estado da Bahia (UNEB-BA), Ipiaú, Bahia - Brasil.

E-mail: bsantosalves@gmail.com

RESUMO

A saúde mental da classe docente é um aspecto a se considerar, principalmente quando direcionado o olhar para as suas vivências. Com o objetivo de analisar a saúde mental dos docentes da Universidade Estadual do Estado da Bahia, no Campus XXI-Ipiaú, o presente artigo se trata de uma pesquisa de campo realizada com onze docentes efetivos e substitutos, submetida ao CEP e aprovada sob o parecer nº 4141509, através de um formulário auto aplicável da ferramenta Google forms. O questionário teve como intuito colher informações de cunho pessoal e profissional, como por exemplo, diagnóstico de doenças, auxílio de psicoterapia e clima organizacional. A análise dos dados coletados buscou responder ao questionamento principal deste artigo: Quais as percepções dos docentes acerca da sua saúde mental e as contribuições da instituição com relação a elas? A pesquisa mostrou que em média 70% dos docentes se mostraram satisfeitos com o seu ambiente laboral, não apresentando sofrimento psicológico nesse aspecto. A docência é um trabalho de importância social e econômica, portanto, tratar de questões como saúde mental desta classe, se faz cada vez mais necessário, principalmente quando inserida em um contexto de alienação do trabalho e carga horária exaustiva às quais esta população se submete.

Palavras-chave

Docência; Ensino Superior; Saúde mental; Trabalho.

ABSTRACT

The mental health of the teaching class is an aspect to consider, especially when looking at their experiences. With the objective of analyzing the mental health of professors at the State University of the State of Bahia, at Campus XXI-Ipiaú, this article is a field research carried out with eleven effective and substitute professors, submitted to the CEP and approved under the opinion nº 4141509, through a self-applicable form from the Google forms tool. The questionnaire was intended to collect

personal and professional information, such as disease diagnosis, psychotherapy assistance and organizational climate. The analysis of the collected data sought to answer the main question of this article: What are the teachers' perceptions about their mental health and the institution's contributions in relation to them? The research showed that, on average, 70% of the professors were satisfied with their work environment, not showing psychological suffering in this aspect. Teaching is a job of social and economic importance, therefore, dealing with issues such as mental health of this class is increasingly necessary, especially when inserted in a context of work alienation and exhaustive workload to which this population is subjected.

Keywords

Teaching; University education; Mental health; Work.

1 INTRODUÇÃO

A saúde mental é essencial ao indivíduo, pois influencia suas relações pessoais e interpessoais, interferindo diretamente na atividade profissional. Segundo Bergamini¹ (2015), é indispensável que a instituição proporcione um ambiente com condições decentes de trabalho e que seja fonte de bem-estar na realização das atividades.

A satisfação do trabalhador implica em consequências positivas para as organizações e para sua qualidade de vida, de modo que a discussão em torno da temática é abrangente. Os estudos nessa direção são aplicados em diversas áreas da atividade acadêmica teórica e prática. Segundo Souza² (2018), a doença mental é a terceira maior causa de incapacidade para o trabalho no Brasil.

A tangente a respeito da saúde do trabalhador torna-se uma ramificação de pesquisa que merece um recorte específico da atividade profissional que o sujeito exerce. Uma vez definido o perfil profissional, torna-se possível arguir a respeito das nuances estimuladoras da sua saúde mental.

O ambiente acadêmico, foco deste estudo, é articulador de diversos processos emblemáticos, pois o trinômio ensino, pesquisa e extensão, por si só já exige uma rotina laboriosa ao indivíduo. Então, sem muitas vezes notar a complexidade da práxis, a docência engloba desde questões institucionais do cotidiano acadêmico a situações pessoais, inclusive de violência/assédio. Assim, quais as percepções dos docentes acerca da sua saúde mental e as contribuições da instituição com relação a elas?

Acredita-se que do ponto vista institucional, tornar o ambiente de trabalho agradável, levando em consideração as necessidades do trabalhador, acarreta melhoramento na qualidade de vida, na satisfação em exercer a profissão e na excelência no trabalho desempenhado,

gerando assim bem-estar mútuo. A percepção e a análise do problema desta pesquisa perpassam por fatores essenciais, os quais interferem e modificam a existência do indivíduo.

Este artigo tem como objetivo analisar a saúde mental dos docentes lotados (efetivos e substitutos) no *Campus XXI* da UNEB, em Ipiaú-BA. E especificamente, indicar os desafios do exercício profissional e os impactos na esfera psicossocial da vida humana; verificar fatores que são próprios do exercício da função, tais como: carga horária de trabalho, aspectos institucionais, entre outros.

Logo, a escolha desta temática justifica-se com base nos fatores elencados, bem como, introduzir uma melhor experiência no ambiente acadêmico, pois este se mostra, também, como um marcador de extrema importância em nível psicossocial, como também propor debates acerca de melhoramentos nas relações pessoais, condições de trabalho e reconhecimento no âmbito acadêmico, com vista na inserção de novas metodologias que agreguem o bem-estar dentro do *Campus XXI*.

2 QUADRO TEÓRICO

Este trabalho teve como suporte teórico os seguintes autores e suas respectivas obras, a saber: Cecília Bergamini, com o título - *Psicologia Aplicada à Administração de Empresas: Psicologia do Comportamento Organizacional* (2015). Liciane Diehl, e Angela Helena Marin, com o artigo - *Adoecimento Mental em Professores Brasileiros: Revisão Sistemática da Literatura* (2016) e Daniel Alberto Santos, Caroline Azevedo, Tânia Araújo e Jorgana Soares, com o texto *Reflexões sobre a saúde docente no contexto de mercantilização do ensino superior* (2016).

2.1 Saúde mental e qualidade de vida no trabalho

A Organização Mundial de Saúde³ (OMS, 1946) define saúde não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social. Muitos indivíduos parecem saudáveis com a ausência de dor e sofrimento aparente no trabalho, mas segundo Lucca (2017) existe uma relação subjetiva do sujeito com suas crenças, valores e aspectos culturais, uma vez que a subjetividade é individual, na qual a realidade é a de cada um. A respeito disso o autor afirma que:

A saúde mental no trabalho não pode ser confundida com “adaptação” do trabalhador, como sujeito passivo e moldado ou subordinado aos interesses da organização, conforme preconizado por correntes hegemônicas da teoria do estresse. Ao invés disso, deve-se procurar compreender a subjetividade do trabalhador no desenvolvimento de seu trabalho, e os conflitos que emergem entre as expectativas do sujeito e as necessidades da organização. (Lucca, 2017, p. 153).

Embora a afirmação do autor seja pertinente, vale salientar que muitos indivíduos se adaptam ao trabalho, ao sofrimento por medo, como no contexto econômico atual no Brasil, com os níveis de desemprego alarmantes otimizados pela pandemia da Covid-19. Segundo o IBGE (2021), apenas no primeiro trimestre de 2021 foram cerca 14,8 milhões de desempregados/desocupados, o que leva o indivíduo a deixar os problemas em segundo plano. A respeito disso tem-se que:

O sentido e significado do trabalho, enquanto elemento social e estruturante na vida dos sujeitos está inserido em um mosaico de interações entre os contextos macrossociais (globalização, internacionalização do capital, políticas econômicas e sociais do país) e microssociais (no âmbito dos ambientes de trabalho onde se desenvolvem as políticas de gestão e organização do trabalho), e, neste processo psicossocial, compreender que estas relações são indissociáveis e interferem diretamente no modo de agir e na subjetividade dos trabalhadores, cujo desfecho poderá resultar em prazer e realização no trabalho ou em sofrimento dos trabalhadores, precursor de TMRT. (Lucca, 2017, p. 157).

Conforme visto, são diversos os fatores que podem desencadear o adoecimento do trabalhador no âmbito laboral. Cabe salientar que a realidade de um indivíduo não se aplica a outro, pois os problemas repercutem na subjetividade de cada um.

Em 1995, a OMS reuniu especialistas de diversas partes do mundo que definiram qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (The WHOQOL Group, 1995).

Sanchez (2019) traz que a saúde é mensurada pela qualidade de vida, a qual abrange diversos aspectos, os quais envolvem a visão da intrínseca relação entre condições de trabalho e saúde. A partir do pressuposto de que o meio acadêmico pode ser adoecedor tanto quanto acolhedor, faz-se necessário a existência de meios que minimizem as carências que delimitam o potencial de uma boa qualidade de vida individual e coletiva.

Somando-se a isto, a qualidade de vida do ser humano no trabalho é essencial, considerando que reflete em melhorias no que se refere à produtividade, motivação,

desempenho, satisfação, comprometimento, prazer etc. fatores que devem ser considerados em qualquer relação de trabalho, pois refletem em uma relação digna de trabalho.

2.2 Universidade, docência e saúde mental

A Universidade é uma instituição social responsável pela formação de indivíduos que buscam desenvolvimento profissional, técnico e intelectual em nível superior. Desta forma, segundo Santos (2016), ela está conectada com a sociedade como pilar histórico do conhecimento e da aprendizagem.

Por isso, organizações de ensino superior são fundamentais neste processo sociopolítico, e os atores envolvidos neste processo são os proporcionadores desta relevância exercida, compostas por diversas funções, das quais se destacam os discentes e os docentes, em razão dos objetivos: ensino, pesquisa e extensão.

Os docentes são agentes fomentadores desta tríade funcional. Logo, a necessidade de olhar para esta categoria, que é peça fundamental para o engajamento social do indivíduo, é explícita. Neste sentido,

[...] a atenção para a saúde mental do trabalhador docente está inserida em um contexto maior de preocupação com a saúde mental dos trabalhadores em geral. Os estudos sobre o “esgotamento” dos trabalhadores, denominados pela psicologia de “síndrome de burnout”, refletiu nas pesquisas em educação como a questão do “mal-estar docente”. (Peixoto & Armani, 2016, p.3).

A exposição do docente a situações adversas e conflituosas no ambiente de trabalho afeta a saúde física e mental do docente, logo, compromete execução de suas atividades laborais, bem como as relações familiares e sociais, tais constatações elevam a necessidade de analisar a fundo os aspectos que são geradores de saúde e bem-estar.

Os docentes do Ensino Superior, particularmente, são afetados, principalmente, por pressão em relação à produção intelectual e sobrecarga de trabalho. Com menos frequência, aparecem fatores como forma de gestão dos órgãos do governo, perda do sentido do trabalho, quebra de expectativas vinculadas ao trabalho, limitadas condições de infraestrutura, excesso de responsabilidades, relações interpessoais conflituosas e falta de planejamento. (Diehl & Marin, 2016, p. 77).

Ainda segundo Diehl e Marin (2016), nos últimos anos, houve o reconhecimento organizacional de que a síndrome de Burnout é um problema de saúde pública para a

categoria docente, responsável pela exaustão, esgotamento e estresse do indivíduo. E são diversos os fatores que podem comprometer a saúde mental do trabalhador docente: excessos de atribuições, produção intelectual, condições de trabalho, clima organizacional etc.

É preciso compreender que a intenção primeira de cada pessoa é a de ser produtiva e estabelecer relacionamentos interpessoais significativos. Se isso não ocorre no seu trabalho, na sua vida familiar, na sua carreira escolar e profissional, é porque essa pessoa deve estar acumulando dentro de si pressões que levam os sentimentos de inadequação pessoal (Bergamini, 2015, p. 6-7).

Observa-se que as relações interpessoais no ambiente de trabalho afetam diretamente o clima organizacional, um fator considerado gerador de bem-estar e, segundo Bergamini (2015), às relações interpessoais seriam fluídas, a convivência e o entendimento entre todos mais agradáveis, se exercitada a empatia para a gestão de conflitos. Assim, uma grande quantidade de sofrimento que nasce dos desencontros pessoais poderia ser evitada. Neste sentido, o papel de gestão inclui

[...] subsidiar a construção de novos processos e metodologias que permitam analisar criticamente o processo de atividade docente, bem como criar estratégias de enfrentamento das doenças ocupacionais e de possibilidades para ampliação dos aspectos humanos no trabalho, de modo que possa contribuir, na realização cotidiana, para o desenvolvimento pleno das capacidades e habilidades humanas. (Santos et al, 2016, p. 180).

No que tange à instituição como ambiente de trabalho, é necessário que se pense no melhoramento das questões passíveis de desordem emocional, como sendo uma prioridade, pois esta efetivação compõe o processo de construção do ambiente e da maneira como a Universidade deve perceber, acolher, tratar, e promover a terapia de cura em seus espaços de trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Gil (2010), a pesquisa bibliográfica requer uma série de etapas que devem ser seguidas minimamente, assim como, seu encadeamento. Após a escolha do tema, as revisões bibliográficas de livros, artigos e revistas focaram produções sobre saúde física, mental, adoecimento e trabalho do docente universitário, formando um passo importante que embasou as discussões teóricas e a análise sobre os resultados.

A pesquisa adotou caráter descritivo, pois se caracterizou pela origem e atentou-se para o objeto, fenômeno, estudo de caso, etc., com o objetivo que o próprio termo se propôs a fazer, segundo Gil (2010). A descrição pormenorizada visou demonstrar de forma analítica os detalhes do objeto em questão: os docentes do Campus XXI.

Para a coleta de dados, adotou-se a pesquisa de campo como estratégia de pesquisa, no intuito de obter dados e informações sobre o objeto pesquisado, utilizando como técnica o questionário autoaplicável via Google Forms, com dezessete perguntas; sendo sete de cunho pessoal e dez destinadas à atividade profissional, sendo elas, objetivas, abertas e de múltipla escolha. Isto é, seguiu-se a orientação sugerida por Marconi e Lakatos, (2010): seleção, tabulação, análise, interpretação e especificação.

O questionário foi submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da UNEB, conforme os procedimentos éticos envolvendo humanos, previamente analisado com vista à resolução 466/12 CNS/MS. O CEP/UNEB aprovou a pesquisa sob o parecer 4141509 em 08 de julho de 2020. Todos os participantes desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Nesta pesquisa foram convidados vinte e sete professores do campus XXI. Entretanto, sete não participaram por motivo de licença de doutoramento e nove por estarem cooperando – regime de parcerias da UNEB que possibilita a mobilidade interdepartamental de docentes entre campi para o ensino – em razão de não vivenciarem o dia a dia e a totalidade das ações requeridas para uma real análise desta pesquisa. Por isso, foram retirados da amostra que, ao final, totalizou onze docentes: composta por dez professores efetivos (concurados) e uma substituta contratada sob o Regime Especial de Direito Administrativo (REDA) – contrato temporário.

Quanto à análise, os dados coletados e tabulados foram analisados sob a ótica qualitativa, a qual interpreta os dados com o intuito de apontar possibilidades de interpretações contextualizadas com a vivência dos sujeitos em seu espaço ou ambiente geográfico, segundo Demo (2011). Ainda com base nos dados do objeto, a proposta qualitativa captura informações essenciais de cunho socioeconômico e cultural explicitando sua origem, estética, estrutural, mudanças de comportamento dos indivíduos docentes do Campus XXI imbuídos no contexto.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADO

O perfil dos docentes apresentou a seguinte configuração: oito indivíduos do sexo feminino com idade média de 45 anos e três do sexo masculino com a média de 46 anos. Notou-se que os indivíduos do sexo feminino são mais novos e ainda maioria no exercício do magistério neste *campus*.

Todos os indivíduos cumprem carga horária de quarenta horas semanais e exercem atividade de ensino, além de pesquisa e/ou extensão, que é o tripé da Universidade Pública, concomitantemente com outras ocupações, conforme o gráfico 1.

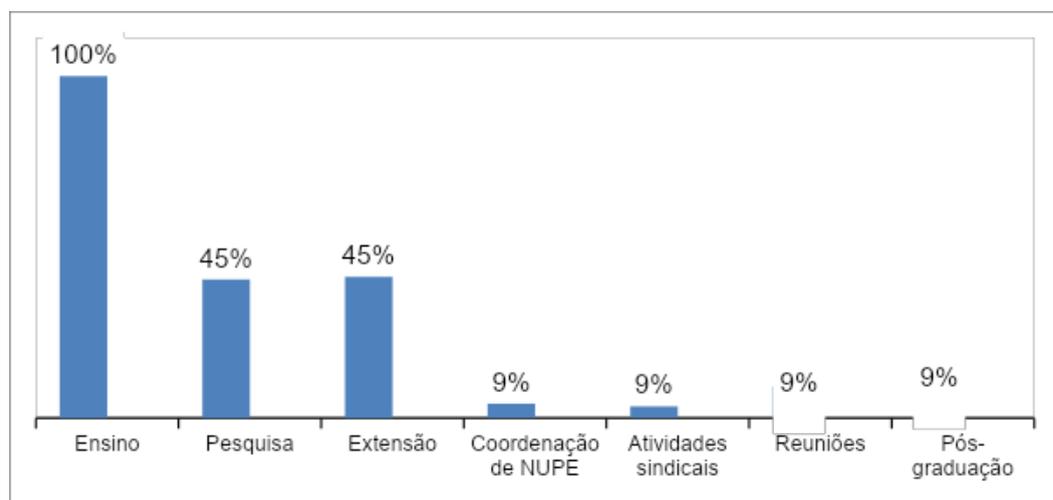


Gráfico 01. Atividades desenvolvidas

Fonte: Dados da pesquisa.

As atividades são cadastradas a cada semestre no Plano Individual de Trabalho Docente (PIT), preenchido pelo professor e aprovado pela direção do departamento. Nessa base de dados, os docentes precisam confirmar a carga horária semanal que o vínculo empregatício exige. Assim, a cobrança por competitividade e resultados no cumprimento da carga horária pode se apresentar com potencial adoecedor, ainda mais em situações de adaptações tecnológicas, agravado com o trabalho remoto – Covid-19.

Enquanto os artigos abordados nesta pesquisa apontaram índices de adoecimento de professores devido à execução da atividade laboral, os dados da pesquisa apontam para a direção contrária, pois nenhum docente foi acometido por doenças em órgãos do sentido, que acontece quando o indivíduo apresenta o não funcionamento (total ou parcial) de algum dos cinco sentidos.

Conforme afirmam Bezerra e Sorpreso (2016, p. 1) “a saúde humana é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico, pessoal, assim, como uma importante dimensão da qualidade de vida”. Essa foi a única questão da pesquisa a atingir este total satisfatório e aponta que o exercício da docência no *campus XXI* é seguro em termos de saúde sensorial/física.

Sobre os vínculos afetuosos possíveis no ambiente de trabalho, o Gráfico 2 apresenta como os docentes se relacionam informalmente. Cerca de 45% criam vínculo e contam sempre com algum colega para compartilhar seus problemas diversos, criar parcerias ou algum grau de amizade, sendo este um aspecto cuidadosamente analisado pela psicologia social.

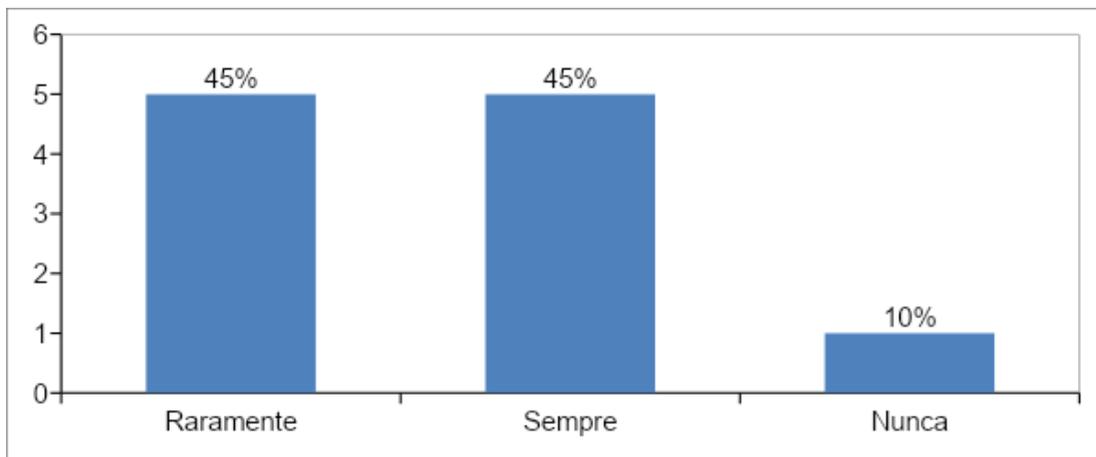


Gráfico 2. Vínculos afetuosos no ambiente de trabalho

Fonte: Dados da pesquisa.

Socialmente as pessoas precisam umas das outras, a partir do conceito de interpessoal – relação que ocorre entre pessoas, segundo Bergamini (2015). Essas relações são criadas quase que involuntariamente, já que as pessoas se aproximam por diversas questões, desde afinidade até necessidade, somado a isso, segundo Sanchez *et. al.* (2019) as relações sociais produzem um efeito antiestresse, capaz de produzir aumento de satisfação às pessoas.

Em 1927, Elton Mayo iniciou um estudo na unidade de Hawthorne, o qual objetivava compreender quais os fatores do ambiente de trabalho, seja físico ou social, que poderiam interferir no processo de desempenho no trabalho e também satisfação pessoal com a sua função. Nessa experiência, os conceitos de grupos formais e informais das empresas surgiram, sendo que, grupos formais consistem na estrutura oficial e disposição de cargos da empresa

em sua totalidade e os informais, o grupo de pessoas com as mesmas intenções (Mesquita *et al*, 2019).

A experiência chegou à conclusão de que a produtividade dos colaboradores está mais diretamente ligada às condições sociais (grupo informal), do que aos fatores de ambiente laboral, pois a socialização é uma característica que se insere na vida pessoal do trabalhador, bem como nas relações do indivíduo com o seu grupo de trabalho (Mesquita *et al*, 2019). Acredita-se que do ponto de vista laboral, quando se tem alguém para compartilhar as adversidades e a rotina, esse ambiente tende a ser mais leve e harmonioso.

A solidão pode se instalar sorrateiramente na vida desses indivíduos, podendo desencadear sofrimento ou até mesmo adoecimento. Para os que contam raramente (45%) ou nunca (10%) com tais vínculos, é necessário que esses indivíduos percebam a possibilidade de serem alcançados pela solidão, considerando que ser professor exige muito tempo de dedicação, sem esquecer que se relacionar com o outro é uma escolha.

Nesse contexto, dependendo de como está organizada a estrutura e as condições de trabalho, a construção do clima organizacional se consolida, conforme Sanchez (2019). Ao tratar o clima organizacional, automaticamente fala-se sobre valores, princípios e crenças da instituição. Segundo Ceribeli e Gonçalves (2015), esses pilares formalizam a maneira como a instituição deve operar e influenciam na satisfação ou insatisfação dos funcionários.

Apesar de a maioria da amostra demonstrar-se satisfeita, pôde-se observar um percentual de 36%, número que corresponde a quatro docentes, que não concordam que o clima organizacional da UNEB é propício para o desempenho de suas capacidades intelectuais. Bem como os cinco indivíduos afirmaram raramente contar com a colaboração do seu ambiente de trabalho para a sua produção no que pulsa a viabilidade processual. Tais resultados podem gerar impacto negativo na produção e na qualidade de ensino desses docentes.

Em decorrência de o ensino superior ser essencial para o desenvolvimento do país, uma solução para esses problemas seria o investimento no bem-estar e na qualidade de vida dos professores, dando-lhes um ambiente de trabalho mais saudável e estimulante, com redução de fatores de riscos, trazendo assim, um equilíbrio entre pessoal e profissional.

Sobre o impacto do ordenamento político-estratégico e da estrutura organizacional da UNEB para os docentes, 64% disseram que o ordenamento político-estratégico não lhes causa sofrimento, porém, para 36% causa. Isto pode estar relacionado com o enfrentamento das

variantes políticas institucionais que influenciam os resultados dos processos institucionais. Neste sentido, é válido identificar os gargalos da gestão universitária em conjunto com regulamentações institucionais que controlam, limitam e incentivam o comportamento institucional.

A UNEB possui uma estrutura organizacional que compreende órgãos de administração superior; órgão de administração setorial; órgãos deliberativos; além dos órgãos executivos da administração setorial, que são os Departamentos (UNEB, 2012). Considerando que a Universidade é moldada por um plano estratégico participativo limitado onde cada departamento possui diretor, coordenadores de colegiados, coordenadores de órgãos suplementares, representantes docentes, representantes discentes de cada curso ofertado pelo *campus* e um técnico administrativo, que são eleitos conforme regimento geral, compondo assim o conselho, responsáveis pelas ações de seus departamentos.

Talvez exista dificuldade em se ter articulação em instâncias superiores e em nível horizontal que possibilita maior conhecimento das esferas e do andamento dos processos, quando exercido atividades administrativas e cargos de gestão. Esse ponto reforça uma necessidade de refletir acerca de: O professor está tão sobrecarregado de ocupações (ensino, pesquisa e extensão) que não consegue aprofundar suas relações interdepartamentais?

Entende-se a Multicampia na UNEB como um destaque positivo de interiorização do ensino superior e, ao mesmo tempo, um desafio. A Universidade conta com vinte e nove departamentos instalados em vinte e quatro *campi* que, além do ensino, pesquisa e por intermédio de programas de extensão em parcerias com instituições públicas e privadas, beneficiam quase 417 municípios (UNEB, 2021).

As instituições universitárias nos formatos multicampi, segundo Abreu Junior (2017), estão expostas a questões que fogem do escopo gerencial do *campus*, problemas que incidem no funcionamento, planejamento e ações decisórias. O molde multicampia requer um processo de autogestão. Nesse sentido, 91% dos docentes sentem que estão mais expostos a dificuldades no exercício da função por estarem lotados em um *campus* no interior, questão que deve ser considerada analisando aspectos como: gestão universitária, organização, infraestrutura e centralização (Abreu Junior, 2017).

Sobre a produtividade acadêmica, apenas 27% afirmaram que a cobrança exigida por produção no ambiente laboral lhe é causador de sofrimento. Acerca disso, embora Sanchez *et al* (2019) ressaltem que a exigência por alta produtividade científica gera grande propensão de

docentes sofrerem com doenças de cunho psicoemocional, uma maioria de 82% que afirmam não sofrer com a cobrança exigida – resultado que chamou a atenção, podendo associar esse quantitativo a uma boa gestão de tempo por parte dos docentes ou à inexistência deste tipo de cobrança por parte dos superiores, o que revela um ambiente saudável para uma maioria expressiva.

Ao falar sobre psicossomatização é importante ressaltar que esse termo diz respeito ao fato de que a mente e o organismo possuem influência um sobre o outro. Morando e Pizzol (2017) trazem que é comum pensar que o psicológico só possui ligação com as atividades cerebrais. Dessa forma, tende-se a negligenciar que a mente e o organismo possuem uma unidade de relação.

Lalla Júnior (2019, p. 50) coloca que as universidades são locais de risco para a saúde dos docentes onde “são constatados, entre os professores, gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão, síndrome do pânico, estresse e síndrome do esgotamento profissional (*burnout*)”. Dessa forma, a fadiga institucional se torna uma realidade nesse meio e, conseqüentemente, a psicossomatização se instala.

Apenas um indivíduo afirmou já ter sido diagnosticado com doença psicossomática, enquanto 91% relataram inexistência de psicossomatizações. Porém, este indivíduo não é o único a recorrer ao auxílio psicoterapêutico, conforme Gráfico 3.

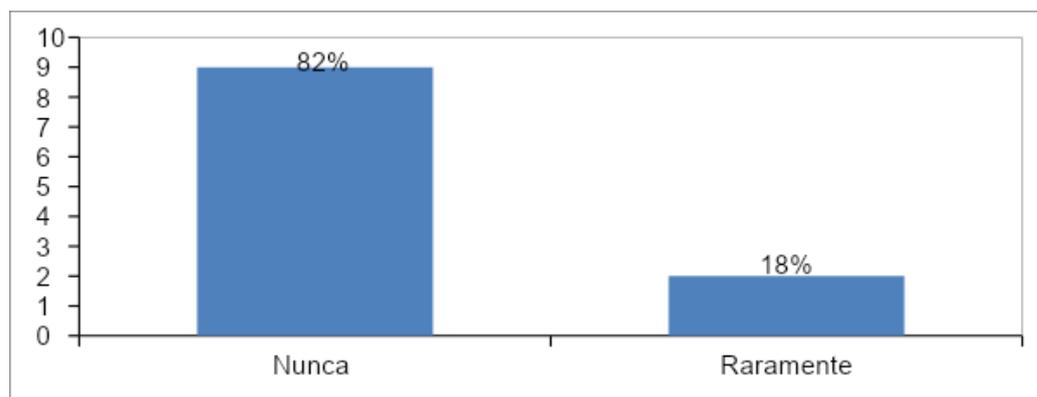


Gráfico 3. Auxílio psicoterapêutico

Fonte: Dados da pesquisa.

Acredita-se que para recorrer ao auxílio terapêutico não necessariamente o indivíduo precisa estar passando por algum problema, pois o fator de tratamento independe do nível de acometimento, podendo ser agente preventivo ou de autoconhecimento.

Pôde-se observar que um pequeno número da amostra já buscou auxílio terapêutico, mas a maioria nunca recorreu a este auxílio para lidar com questões relacionadas ao exercício da função, o que leva a crer que a amostra em questão esteja saudável (80%). Mas, invade também ressaltar que existe um tabu social quando se trata de auxílio terapêutico e a categoria pesquisada não está livre de reproduzi-lo, embora considerada uma parcela com representação crítica e intelectual.

A UNEB em parceria com outras instâncias criou um programa nomeado “dois altos”, promotor de acolhimento psicológico profissional gratuito devido à demanda apresentada pelos docentes no período de crise pandêmica e conta com atendimento telefônico durante o isolamento social, frente à pandemia da Covid-19. O programa é destinado a professores, alunos e colaboradores. Cada indivíduo é acolhido por até trinta minutos e não incide em ação de psicoterapia. A equipe conta com colaborações de 19 profissionais de Psicologia. Todas as atividades são supervisionadas por professoras.

Ao abordar sobre agressão física e/ou emocional em sala de aula, quatro docentes (18%) afirmaram terem sido vítimas – uma configuração de respostas idêntica ao Gráfico 4. Segundo o Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação das Universidades Públicas Federais no Estado da Bahia – (ASSUFBA, 2020), o Brasil está em primeiro lugar no ranking global de agressão a educadores. Ser professor no Brasil é um ato de resistência. Os problemas enfrentados por docentes em seus níveis de ensino perpassam décadas e ainda assim as melhorias são irrisórias.

Sobre a prática de atividade física, foi possível observar que nove dos onze indivíduos não praticam nenhum tipo de atividade física, promotora de saúde. Nazaré *et al* (2017) apontam que a prática regular de atividade física é uma estratégia para combater doenças que o sedentarismo expõe o indivíduo e citam como benefícios: bem-estar físico, emocional e psíquico em todas as idades e ambos os sexos; redução de níveis leves e moderados de ansiedade; expansão da criatividade e da memória etc.

Dessa forma, pode-se perceber que a prática da atividade física além de benefícios físicos, acarreta também em vivências com relação à satisfação pessoal, o melhoramento da autoestima, disposição e qualidade de vida. A UNEB realiza periodicamente, através do seu portal, um curso cujo tema: “Qualidade de vida e hábitos saudáveis no ambiente de trabalho” possui abordagem preventiva e objetiva conscientizar todos os servidores sobre a importância que essa temática apresenta.

Em Ipiaú, a clínica Sempre Serviços Médicos, especializada em serviços de fisioterapia, pilates entre outros, que são atividades consideradas promotoras de bem-estar, possui convênio com o PLANSERV- Plano de Assistência à Saúde dos Servidores Públicos Estaduais da Bahia que cobre o território baiano com uma vasta rede credenciada e possibilita ao docente buscar programas melhor atendam às necessidades.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Embora a classe docente seja fortemente afetada por doenças que implicam no exercício da função, isso não foi constatado nesta pesquisa. Em média 70% do score geral desta pesquisa foram satisfatórios sobre saúde e clima organizacional que proporcionam o bem-estar destes indivíduos – pressuposto que se sustenta, visto que as questões analisadas apresentaram porcentagens com maior índice positivo. O que não cessa a discussão.

Nos aspectos institucionais, cobrança por produtividade, viabilidade processual o nível de insatisfação alcançou a média de 30% e a quase totalidade quanto às desvantagens da multicampia. Observou-se que fatores estruturais e interpessoais além dos programas e exigências internas e externas influenciam diretamente na saúde e bem-estar do docente da UNEB, *Campus XXI*.

Observou-se que a organização é decisivamente responsável pelo clima organizacional, seja ele propício à execução das atividades ou não. Ela deve buscar as melhores condições de trabalho para o profissional do quadro institucional. Assim, pretende-se que esta discussão se torne alicerce para melhoria no âmbito do trabalho acadêmico, social e pessoal dos indivíduos e sociedade.

Entendeu-se que as questões analisadas elucidam a relação entre atividade laboral docente e saúde mental, bem como, os percalços enfrentados pelo exercício do ofício. Espera-se que esta pesquisa tenha provocado reflexões no âmbito social, tendo como ponto de partida a análise de diversos fatores que interferem na qualidade de vida no trabalho e de saúde mental da categoria docente.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. (2017). **Universidade Multicampia e sua Gestão Acadêmica**: O caso da Universidade de Goiás. Dissertação (Doutorado) – Universidade de Brasília.

ASSUFBA. (2020). **Brasil é o 1º no ranking global de agressão a educadores 2020**. Disponível em: <<http://www.assufba.org.br/novo/brasil-e-o-1o-no-ranking-global-de-agressao-a-educadores/>>. Acesso em 15 de Maio 2021.

BERGAMINI, C. (2015). **Psicologia Aplicada a Administração de Empresas**: Psicologia do Comportamento Organizacional. São Paulo: Atlas.

BEZERRA, I.; SORPRESO, I.: (2016). Conceitos de Saúde e Movimentos de Promoção da Saúde em Busca da reorientação de Práticas. **Journal of Human Growth and Development**, v.26. Disponível em: <<https://doi.org/10.7322/jhgd.113709>>. Acesso em 18 de Abril de 2021.

CERIBELI, H.; GONÇALVES, D. (2015). Uma análise da relação entre valores organizacionais, motivação e intenção de abandono da organização. **REUNA**, Belo Horizonte - MG, Brasil, v.20, n.4, p. 51-66, Out. – Dez. 2015 - ISSN 2179-8834.

DEMO, P. (2011). **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas.

DIEHL, L.; MARIN, A. (2016). **Adoecimento Mental em Professores Brasileiros**: Revisão Sistemática da Literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v.7, n.2, pp. 65-85, ISSN 2236-6407.

GIL, A. (2010). **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas.

LALLA JUNIOR, J. (2019). **Desafios, dificuldades e incertezas no trabalho do professor universitário**: Estudo de caso em uma universidade pública no interior do Estado de São Paulo. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Medicina de Botucatu. Botucatu.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. (2010). **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas.

MESQUITA, A. et al. (2019). Prática da monitoria em administração: simulação da experiência de hawthorne. **Revista Brasileira de Pesquisa em Administração** – ISSN 2447-5149 - Pombal - PB. v. 6, n.1, p.08-13.

MORANDO, A.; PIZZOL, G. (2017). **Psicossomatização no trabalhador**. Anuário Pesquisa Extensão. UNOESC Videira, v. 2.

NAZARÉ, E.; AGUIAR, R.; OLIVEIRA, M.; CORDEIRO, S.; QUEIROZ, T. (2017). Benefícios da Atividade Física para Saúde Mental. **Saúde Coletiva**, vol. 8, núm. 50, pp. 126-130.

OMS. Constituição da organização mundial da saúde. 1946. Administração da OMS. Disponível em: <History (who.int)>. Acesso em 22 de Maio de 2021.

PLANSERV-Plano de assistência a vida dos servidores públicos estaduais (2021). Disponível em: <https://www.planserv.ba.gov.br/beneficiario/consulta-de-rede-credenciada/>. Acesso em 28 de Maio de 2021.

SANCHEZ, H. et al. (2019). **Impacto da saúde da qualidade de vida e trabalho de docentes universitários de diferentes áreas de conhecimento**. Ciência & Saúde coletiva, p. 4111-4122.

SOUZA, I. (2018). O estigma do adoecimento mental no trabalho: Mesmo com subnotificações, doença mental é a terceira causa de incapacidade no Brasil. In: **Observatório em Saúde do Trabalhador BH**, p. 6. Disponível em <osat-2-15-12-2017.pdf (fiocruz.br)>. Acesso em 15 de Maio de 2021.

UNEB-Universidade Estadual do Estado da Bahia. (2021). **A uneb**. Disponível em: <https://portal.uneb.br/a-uneb/>. Acesso em 07 de Maio em 2021.

UNEB-Universidade Estadual do Estado da Bahia (2012). **Estatuto da UNEB**. Disponível em: <https://portal.uneb.br/wp-content/uploads/2018/09/Estatuto-UNEB-2012.pdf>. Acesso em 11 de Maio de 2021.

